

Fruto de um heróico esforço de autodidata, o volume é testemunho da afoiteza com que se vêm instalando faculdades pelo Brasil afora. E' claro que nenhum professor deveria ser onerado com a responsabilidade do ensino universitário sem que se lhe tenha proporcionado previamente a oportunidade de aperfeiçoar os seus conhecimentos em instituições capazes de dar-lhe a formação necessária ao desempenho de sua missão. E essa formação não se adquire com ânimo isolado, por persistente que seja, mas com auxílio de uma orientação sistemática e sàbiamente conduzida.

Ninguém consegue hoje em dia, individualmente, dominar todos os setores da antropologia física a ponto de reduzir o seu estado atual a uma exposição didática realmente equilibrada e segura. Nada mais fácil, por isso, do que uma série de críticas a qualquer empresa dessa ordem.

Diante do que dissemos, não nos cabe julgar o trabalho, senão caracterizá-lo através de um comentário geral. A distribuição da matéria pelos diferentes capítulos não oferece muita novidade. Segue, como se lê no prefácio, o programa outrora desenvolvido por Artur Ramos em seus cursos de introdução na Universidade do Brasil. Ao explicar os vários temas, o autor teve a preocupação de não proceder de forma demasiado árida e de participar ativamente na discussão de questões controvertidas. Fá-lo em tom nem sempre sereno e em estilo um tanto barroco, por vèzes panfletário. Não há dúvida de que a crítica acerba e as apóstrofes com que se vituperam os que erraram ou parecem ter errado desperta mais facilmente a primeira curiosidade do neófito do que o conseguiria o exame cuidadoso, por exemplo, do sentido que hoje se empresta à evolução biológica na diferenciação dos tipos humanos, exame que, ademais, deveria ser conduzido sempre de forma a com êle se apresentarem ao estudante, ainda que subrepticamente, os conhecimentos básicos e as categorias científicas de que não poderá prescindir, mais tarde, ao encarar tais ou quais aspectos particulares do assunto no empenho de formar, com discernimento, o seu próprio juízo sôbre a validade e o alcance das conclusões a que cheguem ou tenham chegado, em seus vários trabalhos, investigadores com diferentes métodos e técnicas. E é preciso que se faça o estudante conhecer e dominar razoavelmente êsses procedimentos através de exercícios de pesquisa.

O livro contém grande cópia de dados da mais variada procedência. Não falta acaso ao Professor Michaele informação bibliográfica, nem tampouco erudição. Das centenas de fontes enumeradas nas páginas finais muitas foram aproveitadas, às vèzes com acêrto, para dar uma idéia de alguns dos resultados obtidos neste ou naquele setor das ciências humanas. Para maior firmeza e consistência do conjunto o autor deveria poder apoiar-se na experiência pessoal de anos seguidos na investigação de problemas específicos da antropologia física. Mas é claro que tal requisito preenchê-lo-á sômente o professor que na regência da cátedra tenha condições para se dedicar a trabalhos de campo e de laboratório.

*Egon Schaden*

JOSEPH CASAGRANDE (Editor): *In the Company of Man. Twenty Portraits by Anthropologists*. XVI + 540 págs., com ilustrações. Harper & Brothers. Nova Iorque, 1960. (Preço: US\$ 7.50).

Êste livro focaliza vinte informantes de que se valeram vinte antropólogos, norteamericanos e ingleses, na realização de seus trabalhos de campo. Embora esteja implícito na apresentação dêsses personagens que êles deverão conduzir a uma visão da sociedade a que pertencem enquanto encarnada e realizada em comportamentos típicos

(uma vez que se procura “delinear o indivíduo contra o pano-de-fundo de sua localidade e cultura... no contexto de seus papéis sociais”), e embora os sujeitos dêses “sketches” sejam retratados em perfil mais do que em detalhes biográficos, os retratos apresentados transcendem os limites do “básico” ou “modal” da respectiva sociedade para “revelar a personalidade única, esboçar o indivíduo como ser humano fidedigno”, no qual se conciliam a generalidade e a unicidade, o normal e o desviante. Como o objetivo principal da obra é compartilhar com o leitor a “human intimacy” da pesquisa antropológica de campo — “esta memorável experiência humana”, como a designa Casagrande no Prefácio, porquanto necessariamente realizada “na companhia do homem” —, o que é ao mesmo tempo pôsto à disposição do leitor, embora subjacentemente, é o processo da compreensão gradual pelo qual passa o especialista, processo em que “a estranheza é superada por algo semelhante a uma assimilação intelectual”, como diria Nadel, a trajetória que vai do momento em que o pesquisador entra em campo até o momento em que está em condição de apresentar, a uma platéia distante, o quadro articulado de uma sociedade e de uma cultura “exóticas”. Como faceta e etapa do trabalho, chega o momento em que o antropólogo pode destacar “sob a crosta da cultura, muitos dos mesmos tipos de personalidade” e, mais, “reagir ao povo como indivíduos mais do que como protótipos étnicos”.

E’ do processo e dos resultados dessa “intimização”, que faz da relação entre o antropólogo e o informante-chave uma “experiência única entre as várias formas de associação humana”, que se expõe na obra através de uma seqüência de exemplos, seqüência essa que o Editor, utilizando uma imagem de Kluckhohn, compara a “uma galeria virtual”, a “um corredor de espelhos, nos quais se vislumbre, em plena variedade, a imagem do homem refletida de maneira infinita”, “na esperança de que todos os que ali entrem, saiam com uma concepção mais ampla do homem e da situação humana”.

Se na retaguarda de cada quadro está o antropólogo nas “suas reações pessoais a indivíduos e a circunstâncias”, na sua “capacidade de entrar imaginativamente na vida de outro povo”, vivendo “o dilema de não ser nem um participante integral da vida que estuda, nem simplesmente o observador passivo nos bastidores dela” — razão pela qual há muito de auto-biográfico nesses capítulos —, no primeiro plano, como núcleo do material de cada apresentação, está o informante destacado, projetado no seu contexto familiar, nas suas aventuras matrimoniais e extra-matrimoniais, nas características de sua personalidade, nos seus anelos, frustrações, realizações e ansiedades e, por vêzes, nas circunstâncias de sua morte. E’ a partir dêle que se ilumina a cena mais ampla, na qual, por sua vez, êle próprio adquire sentido e continuidade, e na qual vive, numa espécie de façanha cooperativa, o episódio de sua relação com o antropólogo. Raramente, porém, nos é apresentada uma análise sistemática de personalidade. Um dos poucos casos é o quadro que Clyde Kluckhohn fornece de Bill Begay, o Navaho, submetido, juntamente com a espôsa, ao teste de Rorschach, cujos protocolos foram interpretados pelo psicólogo-clínico, o Dr. Bert Kaplan, ou, no final da apresentação de James Watson, as linhas gerais do caráter de Bantao segundo o T.A.T., analisado pelo Dr. Holliday.

A propósito do plano geral da obra e dos critérios da seleção do material, explica o Editor que seu objetivo foi “cobrir uma grande amplitude de áreas geográficas, de culturas e de tipos de indivíduos” e que, apesar das lacunas, o material apresentado abrange “caçadores e coletores, pastores e agricultores, nômades e aldeões, primitivos e camponeses”, numa seqüência que vai da Oceânia, passa pela Índia e África, para chegar às Américas, enquanto, dentro dessas áreas, foi ordenado “para fornecer con-

trastes de estilos, matizes e temas e, nuns poucos exemplos, para justapor perfis de pessoas comparáveis”

Seria difícil predizer a que tipo de reformulações será conduzido o leitor após a leitura, que paralelos estabelecerá entre os personagens ou que utilização fará do material que, malgrado a fuga deliberada do sistemático convencional, nem por isso revela menos preocupação pelo detalhe significativo, pela explicitação do implícito, pelo enunciado do não-verbalizado, das motivações subjacentes e da ambivalência das atitudes. Como constância na variedade, destaca-se a situação de contacto com a cultura ocidental. Todavia, se em alguns casos, como no de Durmugan, o aborígene Australiano, de Bantao, o “Opening Man” da Nova Guiné e de Ohnainewk, o Esquimó, o encontro com os brancos teve “efeitos deletérios”, como ressalta o Editor, por lhes faltarem “as defesas pessoais e culturais daqueles de há muito acostumados a desviar os golpes da usurpação branca”, o mesmo não se dá com Marcus, o Pueblo G. I., com Josie Bellie, o Seminole, ou com Bill Begay, o Navaho, já produtos do “in-between world”, ou com a figura excepcional da Sra. Parkinson, meio norte-americana e meio polinésia, e que, orgulhosa de sua herança polinésia, “hàbilmente tece os fios da civilização europeia que atingem suas ilhas na trama de sua própria existência”. Ou então, com a figura quase idílica das meninazinha Maling (Hanunóo, das Filipinas) e a do velho John Mink, o Ojibwa de 90 anos, dos quais se apresentam dois quadros de rara beleza de personalidades integradas nos âmbitos tradicionais das respectivas culturas, o dela, como “uma promessa de vida” e o dêle, como “a sua realização”.

Segundo a ordem geográfica em que são apresentados, os capítulos se seguem na seguinte seqüência:

Raymond Firth nos dá a descrição de um aristocrata polinésio, Pa Fenuatara, da Ilha Tikopia, chefe entre os chefes na sua primeira visita à Ilha em 1928-29 e um venerável ancião quando da sua segunda visita em 1952. Verdadeiro tradicionalista, sem ambições de poder, a despeito da sofisticação em alguns aspectos intelectuais, “acreditava sem qualquer dúvida na panóplia total dos deuses e espíritos em que acreditava qualquer Tikopia comum”. Negando-se a adotar o cristianismo, no qual via a asserção de direitos individuais e o incentivo de interêses pessoais, sua ascendência sôbre seu povo se patenteia em vários momentos críticos da vida comunitária, inclusive quando, por ocasião de sua morte em 1955, se verifica verdadeira conversão em massa em Tikopia.

Ao contrário, Petrus Mailo, chefe de Moen (Truk) na Micronésia, apresentado por Thomas Gladwin, embora fiel ao seu povo até ao quixotismo, experimenta o dilema da tentação do poder: “Petrus domina o dilema, mas esta não é, evidentemente, uma tarefa fácil”. Todavia, durante a administração norte-americana de Truk, sua personalidade ativa se movimenta em reivindicações, mas como é o seu povo o “pivot” de seus interêses, isto contrabalança seu pendor e poder no sentido de manipular pessoas a serviço de seus objetivos pessoais.

W. E. H. Stanner se volta para a figura de “Durmugam, um Nangiomeri” do norte da Austrália, fazendo-o emergir de um contexto bastante completo de vida local, participando de batalhas entre partidos no interior da própria tribo, de caçadas, danças, cerimônias de iniciação e contactos com europeus e chineses residentes. Iniciado nos ritos secretos entre os Kunabibi, aprende bastante da vida secreta perdida dos Nangiomeri e, de volta a seu povo, faz renascer o culto na forma de um movimento nativista, comparável aos movimentos “Cargo” da Melanésia. Sumamente bem dotado, vivendo entre dois mundos, “podia ser encarado como um caso de dissociação benigna; no nível consciente, havia encontrado uma maneira de viver na dualidade, um europeísmo simplório e um idealismo aborígene”.

Harold C. Conklin nos apresenta com "Maling, uma menina Hanunóo" das Filipinas (descrita no intervalo de seus 7 aos 11 anos). O relato, um dos mais preciosos da obra, começa num dia em que ela, aos 7 anos de idade, bate à porta do antropólogo para lhe comunicar o falecimento do irmãozinho de cujo nascimento, há algumas semanas, ela havia participado e prestado informações. A espantosa maturidade de interesses e experiência dessa menina ilustra a maneira pela qual uma criança Hanunóo, sem instrução formal, adquire uma familiaridade cada vez maior com todos os setores do mundo adulto, naquele pequeno universo em que não há barreiras entre grandes e pequenos. Dotada de pensamento independente e grande franqueza, madura e responsável, revela-se tão interessada em práticas anti-concepcionais quanto no irmão adotivo infante, que ficou a seus cuidados, ou nos adornos com que se prepara, aos 11 anos, para seu novo status, de mulher casadoura.

O jovem Bantao é o personagem apresentado por James B. Watson, como "The Opening Man", que, no cenário da Nova Guiné, vislumbrou inúmeras possibilidades no mundo do branco e as tentou, mas sem êxito. Experimentando a prisão, a severidade intransigente do Adventismo do Sétimo Dia, a "justiça" estrangeira, seu fracasso no mundo do homem branco sublinha, ou mesmo acentua, a não-realização no seu próprio. "Em retrospecto, Bantao parece ter sido destinado a ser um 'opening man', mas, irônicamente, foi incapaz de abrir qualquer das portas que tão esperançadamente tentou para si."

O retrato da Sra. Phebe Clotilda Coe Parkinson, a que já nos referimos, apresentado por Margaret Mead como "Weaver of the Border", nos põe em contacto com uma criatura invulgar do "world between". "Em virtude de sua memória fiel e de seu vivo interesse pelos seres humanos, foi possível registrar, pelas suas lembranças, exatamente como as civilizações com as quais entrou em contacto a atingiram, medidas por personalidades conhecidas, filtradas pela receptividade de seu próprio temperamento e experiência: um pai americano; uma mãe samoana; um marido criado na Alemanha; freiras francesas; infância em Apia; vida adulta na Nova Guiné alemã; velhice na Austrália...".

No capítulo de Cora Du Bois, "Forma e Substância de Status: uma relação javanesa-americana", travamos conhecimento com Ali ben Usmus, o "djongos" (rapaz javanês que durante seis meses a acompanha a Alor, na qualidade de empregado, na realidade um acompanhante indispensável que se põe de permeio entre a antropóloga e o mundo no qual esta realiza suas pesquisas). "O aspecto estranho para mim de minha relação com Ali reside na proximidade e lealdade mútuas, sera intimidade." Com êle a Autora aprende "as formalidades da distância social". O tipo de convivência entre ambos, e que a Autora confessa haver até então desconhecido (como o é para nós), a leva a traduzir a palavra javanesa "djongos" por "protetor, mentor e amigo".

De John T. Hitchcock nos vem a personalidade de "Surat Singh, Head Judge", de Khalapur, na Índia, homem de casta elevada, movimentando-se num cenário de aldeia em meio da rivalidade e competição entre famílias, em contínua asserção e contra-asserção. Advogado, sua capacidade de manipular pessoas e sua inteligência aguda dão-lhe lugar de destaque. Dotado de um espírito inquiridor e cético, revelando alto grau de emancipação intelectual, tem uma atitude criticamente humorística a respeito da maior parte das observâncias religiosas da aldeia. E dessa independência dá provas numa série de atitudes que dificilmente ocorreriam a um homem de sua casta.

David G. Mandelbaum apresenta Sulli, um Kota, como "Um reformador de seu povo". Também da Índia, nosso personagem foi um homem que procurou banir "os

maus costumes de Kota” e que, vinte e um anos depois, proclamava tê-lo conseguido. Entre êsses maus costumes contavam-se: comer carne de vaca e búfalo, associar-se, na qualidade de tocadores de música fúnebre, aos funerais Badaga (quando em Nilgiri, terra do herói, como em tôda a Índia, indivíduos cujas ocupações tradicionais incluem serviços em funerais são considerados de baixo status) e manter as mulheres segregadas numa cabana por ocasião do parto ou da menstruação. Ao contrário de outros líderes da Índia, foi um líder tipicamente secular. “Sulli desempenhou o papel que escolheu para si de Reformador num palco minúsculo, mas neste pequeno palco são exemplificados os principais processos de mudança social entre os povos da Índia e, na verdade, entre muitos povos do mundo.”

Hurgas Merida é o personagem do capítulo de Ian Cunnison “The Omda” entre os Baggara (árabes), criadores de gado, que levam uma vida nômade no Sudão. Como *omda* dos Mezaghna, Hurgas era responsável perante a administração sudanesa pela conduta e paradeiro de 7000 árabes sob seu contrôle. “A maior parte de seu tempo gastava-a persuadindo seus *sheikhs* a recolher a capitação de seus súditos e passá-la à administração.” Gozando de grande fama entre homens e mulheres pela posse das virtudes consideradas essenciais pelos árabes, seus inimigos também não tinham conta. E dêle provêm estas ponderações: “Se um homem deseja riqueza — e todo o homem a deseja —, tem que trabalhar muito e orar cinco vêzes por dia. A riqueza é tudo; significa que se pode ser generoso. Com generosidade se adquire um nome. Com nome se adquirem mulheres e se pode ter um cargo político, se se quiser... Aquêles que possuem grandes manadas de gado são homens maus, porque nenhum homem pode ter adquirido uma manada de milhares de cabeças e ter sido generoso ao mesmo tempo. Se fôsse generoso, teria um rebanho menor.”

Victor W. Turner apresenta “Muchona, o Vespão. Intérprete de Religião”, uma personalidade marginal notavelmente brilhante da Rodésia do Norte. “Jamais foi capaz de alcançar um alto status secular, nem tampouco uma posição de estabilidade numa única aldeia. Essas vicissitudes eram também a sua condenação e a fonte da sua grande capacidade de comparar e generalizar.” Intérprete cheio de finura do simbolismo das plantas, revelando amor pelo detalhe, grande informante do ritual Ndembu, “adorava tornar explícito o que conhecia subliminarmente a respeito da sua religião”, porque “no ritual êle encontrava suas satisfações mais profundas”. Em suma: um marginal que consegue certa integração iniciando-se em rituais curativos e, especialmente, nos divinatórios, nos quais “suas características estranhas eram qualificações positivas”.

Ethel M. Albert, no capítulo “My ‘boy’ Muntu”, nos relata nova experiência de uma antropóloga num mundo desconhecido, tendo de permeio um criado masculino, cujo status corresponderia grosseiramente ao de “governanta” e para o qual, independentemente da idade, usava-se a palavra inglêsa “boy”, mesmo na África francesa ou belga. Natural de Ruanda-Urundi, Muntu pertencia à alta classe dos Batutsi. “Sua ambição de realizar os padrões da aristocracia Matutsi era intensa, talvez patológica.” Paupérrimo e perdulário, sobrecarregado de hostilidade e ansiedades, ciúmes e medo, concentra em sua pessoa as contradições de ser um homem maduro, cujo julgamento é ouvido nos conselhos, e pai de muitos filhos, numa parte do mundo onde a paternidade define a masculinidade, e ganhar a vida realizando um trabalho feminino.

O capítulo de Laura Bohannan, “O feiticeiro amedrontador”, nos põe em contacto com a figura de Shingir, um Tiv, da Nigéria, respeitado e temido pelo seu profundo conhecimento do cerimonial de cura, mas não amado por ninguém.

Charles Wagley nos exhibe, com um carinho todo seu, “Champakwi da aldeia dos Tapires”, fornecendo-nos, paralelamente, o quadro de seu contacto com os Tapirapé

do Brasil, objeto de várias publicações suas. Sem ser particularmente dotado e sem ocupar posição de destaque na tribo, Champukwi se revela bom informante e Wagley consegue nos transmitir a dignidade do seu personagem, os traços que o tornam único entre tantos. Este índio, que morreu muito cedo vitimado pela gripe, poderia ter chegado a xamã pois tivera sonhos reveladores de suas potencialidades para o ofício; todavia, como confessa, a carreira não o seduziu numa tribo em que, não raro, o médico-feiticeiro é assassinado com um golpe de tacape no crânio quando se suspeita de que esteja fazendo feitiçaria, tradução padronizada dos infortúnios da aldeia.

De Edmund Carpenter nos vem a apresentação de "Ohnainewk, o Caçador Esquimó". Caçador de caribu, dado a transes e visões, aspirando à liderança, indiferente pelo passado de seu povo, mas com olhos no futuro, converte-se ao cristianismo e, em contacto com o Autor, chega a dominar excelente inglês. Todavia, decepcionado com os brancos, retira-se com a família para uma península sem conforto e desolada, numa tundra sem fim. Naquele ambiente hostil, com um senso do inelutável e de um destino implacável, algo, porém, dá sentido a sua vida: sua velha religião, a coisa mais profunda nêle. "Ele nunca foi simples, nunca vulgar, nunca surdo às sugestões que a maioria de nós dificilmente ouve."

Robert H. Lowie, em "Meu Intérprete Crow", focaliza Jim Carpenter, seu excepcional informante entre os Crow. Esse capítulo, escrito em 1937 logo após a morte desse índio, não havia sido publicado, porém. "Nossas relações eram no plano da 'noblesse oblige'. Gradualmente, Jim desenvolveu para comigo um espírito de absoluta lealdade, mas esta permaneceu sem nenhum traço de subserviência." Altamente familiarizado com o mundo dos brancos ("Diga-me, foi Shakespeare o maior homem que já existiu entre os brancos?"), mas orgulhoso dos valores tribais, dominando excelente inglês (possuía um dicionário Webster abreviado), católico e depois protestante, mas participante dos rituais da tribo, de cuja vida tinha profunda penetração, combinando estranhamente em sua personalidade a sofisticação e a ingenuidade, converte-se na figura de um intérprete ideal.

Clyde Kluckhohn nos apresenta Bill Begay, "Um Político Navaho", explicitando sua atitude característica ante o mundo em mudança: "Evidentemente, as mudanças têm de vir, mas não tão rapidamente que repudiemos todos os valores de nossos ancestrais e despedacemos a estrutura estável de nossas vidas". Em parte, o êxito de Bill no campo do poder e da política pode ser atribuído ao seu domínio do inglês, incomum num Navaho da sua idade, e ao reconhecimento, da parte dos outros Navaho, de que êle compreendia os brancos e sua maneira de ser. Todavia, há na personalidade de Bill um forte componente de hostilidade para com os brancos e uma atitude de profunda ambivalência (como, aliás, nos demais Navaho). "Estou certo", diz Kluckhohn, de que êle encontra uma satisfação especial em emitir ordens e proibições aos brancos, em extrair deles dinheiro imerecido e em manter as atividades deles ao sabor de seus caprichos." Apesar de haver conhecido algumas cidades do Novo México e Arizona e se ter empregado, por duas ou três vezes, como trabalhador migrante em Utah, sua experiência foi esmagadoramente Navaho. Realmente, êle faz parte daquele grupo de índios que chegaram à maturidade dentro da órbita autocontida da cultura Navaho, nas partes mais remotas da Reserva.

Joseph B. Casagrande (o editor da obra) nos põe em contacto com "John Mink, o Informante Ojibwa" que vive numa Reserva de índios em Wisconsin e morre com a elevada idade de 90 anos. "Como líder espiritual de um pequeno grupo de 'pagãos', êles próprios um grupo minoritário dentro de uma maioria cristã mais aculturada, John Mink, mais que qualquer outro na Reserva, lutou para preservar as tradições e costumes dos Ojibwa. Por isso, sua morte não foi apenas o fim de uma vida, mas

também o término de *um modo de vida*." Xamã e líder religioso, era um mestre na arte de curar; sua vigorosa inteligência, "tão incongruamente alojada no seu velho corpo", tornava-o rápido em perceber o ponto de qualquer questão; revelando o hábito de reflexão analítica em suas sutis observações sobre os costumes Ojibwa, torna-as tão precisas quanto as de um especialista. "John Mink era algo de um anacronismo. Nasceu em meados do século passado, quando a cultura de seu povo era vigorosa e não moribunda; teve pouco contacto com a cultura branca e não desejou mais. Sua fé nos modos Ojibwa se manteve inabalável e ele viveu uma vida plena e segura, numa tradição que dominou e achou satisfatória."

John Adair escreve sobre Marcus Tafoya, "Um Pueblo G. I.", veterano de guerra que teve oportunidade de ir até a Inglaterra e passar, confessadamente, pela experiência de sentir-se livre, o que significava liberto dos mexericos da aldeia e do medo da feitiçaria. De regresso, envolve-se novamente na atmosfera de ansiedade que mina a vida no "pueblo" e que, comunicada de várias formas — mexericos, boatos, suspeita, inveja, dissimulação, vigilância calada — "é ao mesmo tempo uma forte influência que controla a vida da aldeia e uma poderosa defesa contra o estranho", impedindo a êste de perscrutar o aspecto secreto da cultura.

Finalmente, William C. Sturtevant nos apresenta Josie Billie, "Um Fazedor de Medicina Seminole", da Flórida, membro de um dos grupos mais isolados e conservadores dos índios norte-americanos. Muito viajado, vivamente inteligente, profundo conhecedor das plantas e das tradições do seu povo, mas também altamente progressista, argumenta com os seus pares que essas tradições já não podem ter vigência no mundo de hoje. Convertido, trabalhou duramente para se fazer um bom cristão, frequentou cursos aos 60 anos e conseguiu tornar-se um pastor assistente. "A despeito de seus sentimentos para com a assimilação e do grau em que se movimentou nessa direção nos últimos anos, Josie é ainda grandemente um Seminole, e existem áreas de crença e comportamento nas quais não pretende mudar". E uma delas é a da medicina Seminole, na qual acredita piamente.

Na rápida apresentação da obra, Casagrande ressalta o fenômeno aculturativo subjacente a toda ela e o "tema repetitivo da tragédia pessoal", em alguns casos "silenciosa", em outros "atingindo as proporções de uma fatalidade cósmica", assinalando que, se de nenhum dos quadros emerge a figura do "bom selvagem", todos os indivíduos retratados dão uma impressão "convicente" de individualidade e valor pessoal.

Acompanham o livro uma série de fotografias e uma carta geográfica na qual são localizados os grupos a que pertencem os informantes apresentados.

*Gioconda Mussolini*

UGO BIANCHI: *Problemi di Storia delle Religioni*. 151 págs. Universale Studium, 56. Editrice Studium. Roma, 1958.

UGO BIANCHI: *Teogonie e Cosmogonie*. 191 págs. Universale Studium, 69. Editrice Studium. Roma, 1960.

A coleção "Universale Studium" deseja fazer obra de divulgação principalmente no sentido de oferecer breves sínteses em edições muito econômicas. Os trabalhos do Prof. Bianchi, porém, embora escritos numa linguagem e em termos deliberadamente acessíveis à qualquer atento leitor de cultura média, são em substância algo de bem mais interessante e construtivo — num plano científico, entende-se — de quanto se costuma esperar de um bom texto de vulgarização. Em outros termos, Bianchi apresenta com ampla documentação histórica num panorama bastante vasto e quase completo o fe-